

Resenha do livro: RAMALHO, J; FUNARI, P.P.A & CARLAN, C.U. **CONSTANTINO E O TRIUNFO DO CRISTIANISMO NA ANTIGUIDADE TARDIA**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

Rodrigo Galo Quintino<sup>1</sup>

Constantino e o triunfo do Cristianismo na Antiguidade tardia é um livro de autoria de Jefferson Ramalho, doutorando em História pela Universidade de Campinas, e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica, em parceria com os arqueólogos e historiadores Pedro Paulo Funari, da Universidade de Campinas, e Cláudio Umpierre Carlan, da Universidade Federal de Alfenas. O tema principal da obra é a importância do Imperador romano Constantino no processo de unificação do cristianismo e a ascensão desta como religião oficial do império.

Com uma breve introdução, os autores discorrem acerca da controversa figura do Imperador Constantino (272-337 d.C.), cuja imagem varia muito de acordo com as mais variadas fontes e autores analisados. A ele foi atribuída tanto a salvação do mundo antigo, por meio da tolerância e aceitação do cristianismo, como a submissão da mensagem de Jesus aos interesses do poder (p. 9), sendo considerado, assim, tanto o salvador da antiguidade como um dos causadores do declínio e queda do Império Romano.

O livro, além de introdução e conclusão, é dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta as fontes utilizadas, literárias e arqueológicas, em particular sobre a contribuição da numismática para melhor compreender a figura do imperador e dos períodos abordados. Em relação às fontes literárias usadas, estão os escritos de Lactâncio (250-320 d.C) e Eusébio de Cesária (265-339 d.C), bem como textos de autores como Zózimo, cujos anos de nascimento e falecimento se perderam, e trechos do novo testamento da Bíblia. São utilizados também autores da historiografia contemporânea, dos quais se destacam, Jacob Burckhardt (1819-1897 d.C) e Paul Veyne.

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade do Sagrado Coração. Resenha realizada sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Lourdes C. Feitosa.

Ao longo do segundo capítulo são apresentados diversos movimentos cristãos antes de Constantino, desde o seu início, com Jesus Cristo e seus apóstolos, até as últimas manifestações antes da unificação da igreja.

Jesus de Nazaré é apresentado no livro como um dos grandes sábios e líderes da antiguidade, imerso em um contexto de multiculturalidade do Mediterrâneo Oriental. Segundo os autores, grande parte das fontes que trata de Jesus o apresenta como porta-voz direto de um Deus bondoso e pai de todos, com uma pregação direcionada especialmente aos pobres, oferecendo a seus seguidores uma mensagem de amor e uma terra sem males. Pode ser considerado, mesmo sem ter deixado nada escrito, a exemplo de outros nomes como Sócrates e o Buda Sidarta Gautama, a pessoa com o maior número de seguidores da história.

Boa parte do que se é conhecido sobre Jesus foi deixado escrito por seus seguidores. Embora seus discípulos fossem inicialmente judeus, os autores afirmam que o contexto de grande variedade cultural da região em que Jesus habitou pode ser um indicador de que ele não rejeitava pessoas de outros povos.

Com a crucificação de Jesus e a crença em sua ressurreição, que teria aberto as portas da salvação para todas as pessoas, o número de adeptos à fé cristã aumentava. Neste período, de acordo com algumas fontes apresentadas, deu-se início a uma grande perseguição aos seguidores do cristianismo por parte dos Imperadores romanos, junto à maioria que não o considerava um salvador. Segundo os autores, o argumento utilizado na época para justificar tais atos era a crença de que os cristãos, ao negarem o culto aos deuses, eram os responsáveis pela ira dos deuses e as conseqüentes tragédias naturais e desordens públicas, o que os tornavam verdadeiros inimigos da humanidade.

Os anos que antecederam Constantino são expostos no livro como tendo uma grande diversidade de interpretações da figura de Jesus. A natureza ambígua de seu discurso e o aumento da diversidade de povos e culturas entre seus seguidores podem ter contribuído para o surgimento de variadas ideias e teorias sobre quem foi Jesus, como era sua natureza humana e divina, e sua relação com Deus. É apontado também que o fato de serem perseguidos, ao contrário da ideia comum principalmente entre os cristãos conservadores, não significou que a igreja fosse unificada e homogênea.

Dentre as diferentes correntes cristãs de interpretação cristológica, os autores destacam o Arianismo, movimento apoiado por

nomes como Eusébio de Cesária, contemporâneo a Constantino, que interpretava Jesus Cristo não como a encarnação de Deus, mas como um ser diferente do Pai. Segundo o arianismo, Cristo seria apenas a primeira criatura de todas, que auxiliou o Deus Pai na criação de todas as coisas e se encarnou em Jesus de Nazaré.

São escassas as fontes que falam da infância de Constantino e de sua vida antes de assumir o poder; por este motivo, os autores dão mais ênfase ao período em que se torna César, que acontece com a organização da tetrarquia, no ano de 306 d.C, após a morte de seu pai Constâncio, o imperador até então responsável pelas áreas periféricas do Império no ocidente.. Neste período, o Império foi dividido entre quatro Césares, dois responsáveis pelo ocidente, sendo um governante da capital e outro de áreas periféricas, e outros dois pelo oriente.

Entre os autores analisados no livro, alguns apontam o restau-ro da monarquia como um dos objetivos de Constantino, após tornar-se Imperador. Este governava o ocidente junto a Mexêncio, enquanto Maximiniano Daia e Licínio eram responsáveis pelo oriente. Segundo esta interpretação, para alcançar seus objetivos, Constantino iniciou uma guerra contra Mexêncio, cuja vitória lhe permitiu governar sozinho o ocidente. Diversas fontes atribuem a vitória de Constantino ao momento de sua conversão, como a descrita por Eusébio de Cesária, que narra uma experiência sobrenatural do Imperador com Deus por meio de um sonho e uma visão. Se o fato descrito por Eusébio realmente ocorreu, ou teve alguma relação com a vitória de Constantino, é difícil dizer, mas grande parte das fontes parece concordar em uma afirmação: Constantino derrotou Mexêncio.

Após sua vitória, Constantino promulgou o chamado edito de Milão, em 313 d.C., que cessava as perseguições aos seguidores de Jesus, legalizando a religião cristã no Império. No mesmo ano, após uma aliança com Constantino, Licínio derrota Maximiniano Daia, que havia se recusado a assinar o edito, e passa a imperar sozinho no oriente. Somente após onze anos, em 324 d.C., Constantino finalmente se vê em guerra com Licínio e o derrota, tornando-se o único César de Roma.

Com a conversão de Constantino veio também à chamada unificação da igreja e o declínio da diversidade da religião cristã. Os autores argumentam que era interessante para Constantino ter uma igreja unificada, uma instituição única sem muitas divergências de ideias e interpretações, para melhor subsidiar seu objetivo de restaurar a monarquia. Uma igreja unificada seria uma justificativa para a criação de um Império unificado.

Por meio de uma série de leis, cartas e editos, as diferentes vertentes do cristianismo foram, uma a uma, proibidas, sob o argumento de serem classificadas como heresia. A questão do arianismo teve seu destino decidido durante o famoso Concílio de Nicéia, o primeiro encontro oficial da religião cristã após o seu reconhecimento, ocorrido um ano após a vitória de Constantino sobre Licínio.

A unificação e o declínio da diversidade da igreja, no entanto, acabou ficando mais no âmbito oficial. Na prática, o arianismo, bem como outros movimentos cristológicos de diferentes interpretações surgidos posteriormente, continuou a existir, inclusive ganhando espaço com Imperadores posteriores. Os autores destacam que isso não nega que o triunfo do cristianismo realmente tenha ocorrido, mas o interpretam como uma imposição daqueles que buscavam uma unidade de pensamento, amparados pelo poder Imperial. Assim, segundo eles, o cristianismo, de religião perseguida e ilegal passa a ser Imperial, e mais do que isso, imperialista (p. 88).

Com linguagem de fácil entendimento e clareza a respeito das fontes, o livro se mostra como uma excelente introdução para aqueles, tanto acadêmicos como curiosos sobre o assunto, que desejam entender melhor as diferentes abordagens sobre a História do cristianismo, os primeiros anos da igreja e sua institucionalização. Os autores estimulam o leitor a uma análise e reflexão, ao mesmo tempo consistente e crítica, acerca da mensagem inicial pregada por Jesus de Nazaré e a ação de domínio, controle e triunfo desta vertente do cristianismo assumida pela igreja sobre outras nos anos que se sucederam a Constantino.